



Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

Março 2022



Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

Março: Pela resposta cristã aos desafios da bioética

Rezemos para que nós, cristãos, diante dos novos desafios da bioética, promovamos sempre a defesa da vida com a oração e a acção social.

ESPECIAL DIA DO PAI

OFEREÇA UM PRESENTE ESPIRITUAL

Peça a celebração de uma Missa em acção de graças pela vida ou alma do seu Pai e em louvor a São José.



Este donativo de 10€ para a celebração de uma Missa

Contribui para o **sustento de milhares de sacerdotes em países mais carenciados**, que por sua vez a celebrará pelas suas intenções.

À semelhança de **São José** estes sacerdotes são verdadeiros **Pais** junto do seu povo que sofre.

São José, que cada pai sinta como grande privilégio e dom de amor os filhos que o Senhor lhe concedeu!

Que, como tu, cada pai ame e ajude a crescer os seus filhos, dando-lhes, em tudo, o exemplo!

SEMENTES DE ESPERANÇA - *Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre*

PROPRIEDADE Fundação AIS
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
REDACÇÃO E EDIÇÃO Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj,
Alexandra Ferreira
FONTE L'Église dans le monde - AIS França
FOTOS © DR

CAPA Quarta-feira de Cinzas
PERIODICIDADE 11 edições anuais
IMPRESSÃO Gráfica Artipol
PAGINAÇÃO JSDesign
DEPÓSITO LEGAL 352561
ISSN 12, 2182-3928

A Ferida do Coração

O Papa Francisco afirmou recentemente que o homem de hoje se esqueceu de Deus e esta é uma das razões, se não mesmo a mais importante, que explica o mal-estar cultural do nosso tempo. Não se trata, porém, dum esquecimento metafísico de Deus, tomando esta palavra como evocação dum princípio de tipo matemático que estrutura a ordem do universo, e que é admitido por todos os que professam uma visão teísta do mundo, como o Comandante duma Unidade que servi como capelão nos meus tempos do serviço militar. A mim preocupa-me particularmente quando, por “homem de hoje”, eu penso concretamente nos Católicos, que têm sempre em maior número deixado de praticar, ou seja, de frequentar os sacramentos, sobretudo a confissão e a eucaristia dominical. Neste sentido, embora não se deva generalizar, o católico de hoje sofre duma anemia

espiritual, porque procura satisfazer as suas necessidades, mas descuida-se de responder ao desejo mais profundo que o habita, um desejo de ser, de expandir todas as suas capacidades, de ser feliz. Mas a felicidade, em última instância, não se consegue resolvendo ou satisfazendo as necessidades, sejam elas quais forem, mas sim pela fidelidade ao desejo que habita no mais profundo do ser humano, que os teólogos medievais diziam ser o “desejo natural de ver a Deus”.

O homem tem no fundo do seu ser uma “ferida aberta” que só é curada quando se encontra com o objecto do seu desejo mais profundo, o mistério de Deus, o “sem nome”, o objecto de todos os desejos, como defende J. Lacan. O Concílio Vaticano II declara que a Igreja é como que o sacramento ou sinal da salvação; os sacramentos são momentos do encontro com Deus,

um encontro verdadeiro, real, que a maior parte dos católicos contemporâneos desperdiça. O jovem Carlo Acutis, recentemente beatificado, dizia “se queres estar no Céu entra numa igreja e vai junto ao sacrário, onde está Jesus escondido”, como diziam os Pastorinhos de Fátima. Mais ainda, “se estás na graça de Deus, o Céu está no mais profundo do teu ser, no teu coração, que, pela graça, se transforma na morada da Santíssima Trindade”: “Se alguém me tem amor, há-de guardar a minha palavra; e o meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada.” (Jo 14,23).

Que o homem actual se tenha esquecido de Deus, é um problema real, como reconhece o Papa Francisco; mas que os Católicos, na sua maioria, tenham esmorecido na sua fé, se preocupem mais em satisfazer as suas necessidades e não cuidem da ferida aberta que têm no seu coração provocada pelo desejo de ver a Deus, essa é verdadeiramente uma tragédia para a

humanidade, porque se a Igreja, se os Católicos arrefecem na vivência da sua fé, o mundo morre de frio.

Numa carta a Santo Inácio de Loyola, escrita do Japão, S. Francisco Xavier narra o encontro com um nobre japonês, e a sua admiração pelo facto de Francisco Xavier ter feito uma viagem tão longa e cheia de tantos perigos, desde a Europa até ao Japão apenas para lhe dizer, a ele, japonês, que “era amado por Deus”. “Não tens mais nada para me dizer?”, perguntava-lhe. “Não, não tenho”, foi a resposta do santo. Acreditar que somos amados de Deus e sermos capazes de reconhecer sinais do seu amor na nossa vida, era tudo o que Francisco Xavier tinha para lhe dizer. É o “solo Dios basta” da Santa Teresa de Ávila.

Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj
Assistente Espiritual da Fundação AIS

Superfície:3,3 milhões km²**População:**

1,4 mil milhões

Religiões

Hindus: 72,5%

Muçulmanos: 14,5%

Cristãos: 4,9%

Religiões tradicionais: 3,6%

Siques: 1,8%

Agnóstico: 1,2%

Outras: 1,5%

Língua

Hindi e inglês



ÍNDIA

“A ÍNDIA É DOS HINDUS!”

Os Cristãos da Índia representam uma anomalia aos olhos dos nacionalistas hindus. Como consequência, sofrem humilhações administrativas e actos de violência por parte dos fanáticos.

A 15 de Agosto de 2021, as 15 famílias cristãs de Adnathi não esperavam grandes procissões marianas. Estes cristãos, isolados nesta aldeia hindu desde os seus primeiros baptismos há 20 anos, sabiam passar discretamente acreditando que a sua presença tinha sido aceite. Por isso foi com muita surpresa que foram convocados pelo chefe da aldeia, na presença de uma multidão de vizinhos, manifestamente exaltados. O chefe dirigiu-se a eles começando por impor uma alternativa,

a conversão ou o exílio. Perante a recusa dos cristãos começaram a chover pedras e depois os extremistas começaram a atacar as casas, ferindo quatro pessoas. Sajan K. George, uma das vítimas, denuncia junto da *Asianews* a condescendência das autoridades, que não puniram os culpados. E pergunta: “Seremos nós cidadãos de segunda classe? A Constituição garante a liberdade religiosa. Como é que uma minoria de 4,9% [a minoria cristã indiana] pode constituir uma ameaça?”

Missa de inauguração de um novo edifício escolar. Estes aldeões católicos sofreram graves actos de violência em 2008.



A fim de tentar explicar esta atitude aparentemente irracional, o Pe. Federico Juan Highton, missionário no planalto do Tibete descreve: “O êxito do partido de Narendra Modi, no poder desde 2014, tem como slogan, a Índia é dos Hindus. Nesta perspectiva, parece ser insuportável que os Hindus abandonem a sua religião.”

Com efeito, se os actos violentos foram cometidos por simples civis, inflamados pelo nacionalismo indiano, as autoridades por sua vez ficaram paranóicas com as conversões. Quando deu início à sua missão em Janeiro de 2016, dois anos depois da eleição de Narendra Modi, D. Stephen Lepcha, Bispo de Darjeeling, preveniu o sacerdote que a situação se estava a tornar inquietante para os Católicos. Cada conversa colocava os sacerdotes em perigo, devido à lei “anti-conversão forçada”, em vigor em vários estados do país. Uma simples acusação era suficiente para prender o suspeito. Mesmo as acções sociais das Igrejas estão sob vigilância, pois são suspeitas de serem iscos para atrair os hindus.

Após cinco anos de missão no norte do país, o Pe. Federico observa um endurecimento das autoridades. Teve de superar obstáculos administrativos para fundar uma escola, o que pode parecer absurdo num país onde metade da população tem menos de 25 anos e as necessidades em termos de educação são à medida da demografia do país.

As escolas são um ponto forte dos Cristãos na Índia. São numerosas, conceituadas e acolhem uma maioria de alunos de outras religiões. Isso despertou claramente o interesse de uma instituição indiana: a Comissão para a Protecção dos Direitos das Crianças. Na sequência de um relatório dirigido ao Governo Indiano, em Agosto de 2021, ela propôs a revogação do estatuto de que gozam as escolas das minorias religiosas.

O relatório em causa aponta para o facto de as escolas cristãs estarem sub-representadas. Os Cristãos representam 12% do total das minorias, mas gerem 72% das escolas minoritárias.



Alunas estudam o seu manual de catequese publicado em hindi.

No entanto, algumas destas escolas são selectivas, na medida em que são descritas neste documento como “casulos para elites”. Por outro lado, o relatório denuncia as carências das madrassas, as escolas corânicas que proporcionam uma educação considerada “insuficiente”.

“O relatório não é totalmente negativo, mas revela disfunções reais”, constata Dilip Kmekala, jornalista cristão residente nas proximidades de Nova Deli. “Mas este relatório, como muitos outros sinais enviados pelo Governo, vai no sentido de um confronto entre as comunidades religiosas.” “O Hindutva” – literalmente “a qualidade de ser hindu” – reivindicada pelo partido no poder, o BJP, funciona como uma poção mágica que lhe permite escapar às sanções eleitorais. “O povo tem a memória curta”, denuncia o jornalista. Narendra Modi “ e o seu BJP cometeram algumas loucuras. A desmonetização, o bilhete de identidade biométrico e os problemas do respeito pela vida privada a que dá origem... Mas o pior foi a liberalização do sector agrícola,

que ameaça uma grande parte a população. Houve manifestações gigantescas contra.” O jornalista acredita que estes movimentos de revolta serão esquecidos aquando das eleições que designarão um novo primeiro-ministro, em 2024.

Oração

Para que o poder político na Índia se abra à liberdade religiosa e deixe de manipular o povo contra as minorias religiosas, nós Te pedimos Senhor.

PADRE MORRE SOB CUSTÓDIA

Stan Swamy, padre jesuíta indiano, de 84 anos, defendia os direitos das populações indígenas de Chotanagpur, uma região de planaltos vastos e elevados da Índia oriental. Suspeito de ter ligações com o Partido Comunista Maoista da Índia, foi detido a 8 de Outubro de 2020. Morreu enquanto se encontrava detido, a 5 de Julho de 2021, como consequência de doença de Parkinson agravada pela Covid-19.



QUARESMA: SINAIS, PALAVRAS E GESTOS DE UM TEMPO DE CONVERSÃO

É o **“tempo forte”** que prepara para a Páscoa, cume do ano litúrgico e da vida de cada cristão. Como dizia S. Paulo, é “o momento favorável” para realizar “um caminho de verdadeira conversão”, enfrentando com as armas da penitência o combate contra o mal. Este **itinerário de 40 dias** que conduz ao Tríduo Pascal - Sexta-feira Santa, Sábado Santo, Domingo de Páscoa -, memória da paixão, morte e ressurreição de Jesus, fonte da salvação de cada ser humano, **é um tempo de mudança interior e de arrependimento no qual “o cristão é chamado a regressar a Deus com todo o coração para não se contentar com uma vida medíocre”**, recorda o Papa Francisco.

O número 40

Na liturgia fala-se de “Quadragésima”, isto é, um tempo de 40 dias. A **Quaresma** evoca os 40 dias de jejum vividos por Jesus no deserto antes de empreender a sua missão pública. Lê-se no Evangelho segundo Mateus: “Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. Depois de ter jejuado quarenta dias e quarenta noites, no fim teve fome”.

Quarenta é o número simbólico com que o Antigo e Novo Testamento representam os momentos salientes da experiência da fé do povo de Deus. É um número que exprime o tempo da espera, da purificação, do regresso a Deus, da consciência de que Ele é fiel às suas promessas.

No Antigo Testamento são 40 os dias do dilúvio universal, 40 os dias passados por Moisés no monte Sinai, 40 os anos em que o povo de Israel peregrina no deserto antes de chegar à Terra Prometida, 40 os dias de caminho do profeta Elias para chegar ao monte Horeb, 40 os dias que Deus concede a Nínive para se converter após a pregação de Jonas. Nos Evangelhos são também 40 os dias em que Jesus ressuscitado instrui os seus, antes de ascender ao céu e enviar o Espírito Santo.

Regressando à Quaresma, ela é um “acompanhar Jesus que sobe a Jerusalém lugar do cumprimento do seu mistério de paixão, morte e ressurreição, e recorda que a vida cristã é um “caminho” a percorrer, que consiste não tanto numa lei a observar, mas na própria pessoa de Cristo, a encontrar, a acolher, a seguir”, afirmou Bento XVI em 2011.

As cinzas

A Quarta-feira de Cinzas é dia de jejum (assim como Sexta-feira Santa), enquanto nas sextas-feiras da **Quaresma** o cristão é convidado a abster-se de carne. Como recorda um dos prefácios das orações eucarísticas das Missa celebradas na **Quaresma, com o jejum é possível vencer as paixões e elevar o espírito.**

Durante a Missa da Quarta-feira de Cinzas o padre espalha uma pequena porção de cinzas abençoadas na cabeça ou na fronte. De acordo com a tradição, as cinzas são obtidas queimando os ramos abençoados no Domingo de Ramos (aquele que antecede a Semana Santa e a Páscoa) do ano anterior. **A cinza imposta na cabeça é um sinal que recorda a condição de criatura e exorta à penitência.**

Ao receber as cinzas, o convite à conversão é expresso com uma dupla fórmula: “Arrependei-vos e acreditai no Evangelho” ou “Lembra-te, homem, que és pó da terra e à terra hás-de voltar”. **O primeiro apelo é à conversão, que significa mudar a direcção do caminho da vida e andar contracorrente (em que a “corrente” é o estilo de vida superficial, incoerente e ilusório).** A segunda fórmula remete para os inícios da história humana, quando Deus disse a Adão: “Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de onde foste tirado; porque tu és pó e ao pó voltarás” (Gn 3, 19). A Palavra de Deus evoca a fragilidade e a sua forma extrema, a morte. **Mas se o homem é pó, é pó precioso aos olhos de Deus, porque Ele o criou destinando-o à imortalidade.**

Jejum, esmola, oração

O jejum, a esmola e a oração são os sinais, ou melhor, as práticas da **Quaresma**. O jejum significa a abstinência do alimento, mas compreende outras formas de privação para uma vida mais sóbria.

O jejum está ligado à **esmola**. (...) O jejum é tornado santo pelas **virtudes** que o acompanham, sobretudo da caridade, de cada gesto de generosidade que dá aos pobres e aos necessitados o fruto de uma privação.

Além disso, a **Quaresma** é um tempo privilegiado para a **oração**. **Santo Agostinho diz que o jejum e a esmola são “as duas asas da oração” que lhe permitem tomar impulso mais facilmente e de chegar até Deus**. E S. João Crisóstomo exorta: “Embeleza a tua casa de modéstia e humildade com a prática da oração. Assim prepara para o Senhor uma digna morada, assim o acolhes num esplêndido palácio”.

A contagem dos dias

Já no séc. IV há uma **Quaresma** de 40 dias contados para trás desde a Sexta-feira Santa até ao primeiro domingo da **Quaresma**. Perdida a unidade do originário tríduo pascal (no séc. VI), a **Quaresma** ficou em 42 dias, compreendendo a Sexta-feira e o Sábado Santos.

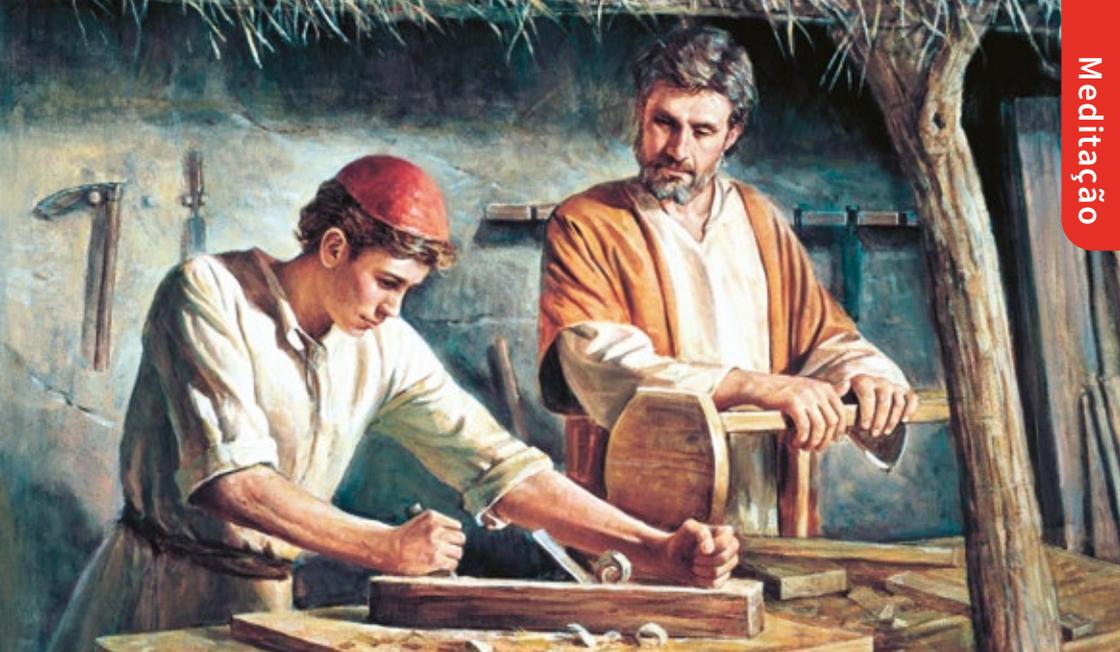
S. Gregório Magno considerou incorrecto incluir como penitenciais os seis domingos quaresmais (que abrangem o de Ramos). Por isso, para obter os 40 dias (que sem os domingos seriam 36), antecipou, no Rito Romano, o início da **Quaresma** para quarta-feira (que se tornará “de Cinzas”). Actualmente a **Quaresma** termina pela tarde de Quinta-Feira Santa, antes da Missa da Ceia do Senhor. Mas para obter o número 40, excluindo os domingos, é preciso, como ao tempo de Gregório Magno, contar também o Tríduo Pascal. (...)

A liturgia

Como no Advento, também na **Quaresma** a liturgia propõe alguns sinais que na sua simplicidade ajudam a compreender melhor o significado deste tempo. Como já aconteceu nas semanas que antecedem o Natal, na **Quaresma** os paramentos litúrgicos do sacerdote tornam-se roxos, cor que solicita um sincero caminho de conversão. Todavia pode usar-se a cor rosa no quarto domingo, chamado “Laetare” (“Alegra-te”, derivado das primeiras palavras da antífona de entrada na Missa, “Alegra-te, Jerusalém”).

Além disso, nas celebrações não se encontram flores a adornar o altar, não se recita o “Glória” e não se canta o “Aleluia”, substituído por uma fórmula que, sem essa palavra, exalta o Evangelho. A excepção à generalidade destas regras ocorre nos dias, fora de domingo, em que se celebra uma solenidade (como S. José).

Adaptado de https://www.snpcultura.org/quaresma_sinais_palavras_gestos_de_um_tempo_de_conversao.html



SÃO JOSÉ ABRAÇOU “NO SILÊNCIO” O PAPEL DE PAI QUE AJUDA A CRESCER

19 de Março Dia do Pai

No Evangelho de Mateus (1, 18-24) José “é apresentado tal como é, com a sua personalidade”, e o Papa quis reflectir sobre duas “características”: de facto, ele é **“o homem que sabe acompanhar em silêncio” e “o homem dos sonhos”**.

Antes de tudo, frisou o Pontífice citando a Escritura, José “era um homem ‘justo’, um observador da lei, um trabalhador, humilde, apaixonado por Maria”. **Com efeito, “um homem normal” que se encontra de modo imprevisto a ter que enfrentar “algo que não compreende”. No momento em que ele, por amor de Maria, decide “retirar-se, escondido”, eis que “Deus lhe revela a sua missão: ‘A tua missão será esta: amparar, acompanhar, fazer crescer’. E ele responde sim, em silêncio”**.

Eis a primeira característica fundamental deste homem. Francisco recordou até que no Evangelho **“José não pronunciou nem sequer uma palavra”**. Nem são mencionadas as suas palavras de assentimento: “Sim, farei”. Mateus escreve directamente: **“Quando despertou do sono, José fez como lhe tinha ordenado o anjo. Sem falar”**.

E, assim, José abraçou “no silêncio” o papel de pai que ajuda a crescer: “Procurou um lugar para que o filho nascesse; cuidou dele; ajudou-o a crescer; ensinou-lhe o

trabalho: muitas coisas... em silêncio”. E o “deixar crescer”, explicou o Papa, “seria a palavra que nos ajudaria muito, a nós que por natureza sempre queremos meter o bedelho em tudo, principalmente na vida alheia. “Porque faz isto? Porque o outro...?”. E começam os mexericos, a comentar”. Ao contrário, José “deixa crescer, ampara, ajuda, mas em silêncio”.

Um verbo sintetiza esta atitude: **“acompanhar”**. A tal propósito o Pontífice referiu-se a muitas situações que se verificam na vida diária: “Muitas vezes os pais vêem os próprios filhos que não se comportam bem, e algumas vezes falam com eles, mas outras vezes

Portanto, José era “o homem dos sonhos mas não um sonhador. Não era um imaginativo”. A diferença é substancial: “Um sonhador é outra coisa: é quem acredita... vai... está no ar, e não tem os pés no chão”. Ao contrário, José “tinha os pés no chão. Mas estava aberto e deixou que a palavra de Deus se revelasse, em sonho, na sua liberdade, no seu coração aberto. Compreendeu, e levou em frente aquele sonho. Sem fantasia: **o sonho ‘real’, porque ele não era sonhador: era um homem concreto**”.

O que pode ensinar ao homem esta característica? “Nós - disse o Pontífice - podemos pensar se temos a capacidade de sonhar ou se a perdemos. Pensemos num casal de namorados: sonham o futuro juntos, os muitos filhos que terão, muitas coisas... É bonito. E vão em frente, casam-se... Depois aparecem as dificuldades, e desanimam um pouco, alguns amarguram-se, tornam-se amargos, discutem entre eles e aquele amor pode fracassar, porque olham só para as dificuldades e não se recordam dos sonhos que tiveram.”

Não se deve, acrescentou, “perder a capacidade de sonhar o futuro”. Isto é válido para todos: “sonhar sobre a nossa família, os nossos filhos, os nossos pais. Imaginar como eu gostaria que a vida deles se realizasse”. E vale também para os sacerdotes: “sonhar com os nossos fiéis, o que gostaríamos para eles”. Cada um deve “sonhar como sonham os jovens, que são ‘descarados’ no sonhar, e nisto encontram um caminho. **Não percamos a capacidade de sonhar, porque significa abrir as portas para o futuro. Seremos fecundos no futuro**”.

Precisamente São José, concluiu o Papa, pode ser uma referência para cada cristão: **“Levemos connosco hoje esta figura de São José: o homem que acompanha no silêncio e o homem que sabe sonhar de modo correcto”. A ele “peçamos a graça de saber sonhar, buscando sempre a vontade de Deus nos sonhos, e também a graça de acompanhar em silêncio, sem mexericos”**.

Papa Francisco, Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na capela da casa Santa Marta, 18 de Dezembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 03 de 15 de Janeiro de 2019

NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA

PONTMAIN, FRANÇA (1871)

Festa: 17 de Janeiro

*“O poder da oração feita com
simplicidade e humildade”*



Em Janeiro de 1871, a França e a Prússia estavam em guerra há meio ano. O exército prussiano dominava dois terços da França e estava muito perto de Pontmain, povoação de 500 habitantes situada na Bretanha, a 60 km a sudeste do Monte Saint-Michel. A situação era dramática e o exército francês começou a recrutar jovens sem experiência militar nas zonas próximas da frente de batalha. Foram convocados, à força, 38 jovens de Pontmain para as fileiras. Os habitantes de Pontmain perguntavam-se quando é que Deus escutaria as suas orações para que os salvasse da guerra. O Pe. Guerin, pároco há 35 anos, tinha reconstruído a igreja destruída pela Revolução Francesa e era um sacerdote muito devoto da Virgem Maria. Ordenou que se colocasse uma imagem de Nossa Senhora no campanário da paróquia, mandou pintar a abóboda da igreja de azul-celeste com milhares de estrelas douradas, e pediu que em todos os lares se entronasse uma imagem de Nossa Senhora.

A APARIÇÃO: TERÇA-FEIRA, 17 DE JANEIRO

Nesse dia, antes de começar a celebração da Santa Missa, o pároco pediu aos seus dois pequenos acólitos que implorassem a Nossa Senhora a protecção de Pontmain. Eram dois irmãos muito piedosos que, ao terminar a Eucaristia, rezaram o terço e fizeram a Via Sacra para pedir pelo seu irmão, o qual tinha sido recrutado e estava na frente de batalha.

Perto das 6h da tarde, Eugène Barbadette, um dos pequenos acólitos, de 12 anos, e o seu irmão Joseph, de 10 anos, viram no céu uma Senhora, pairando no ar. A Senhora usava um vestido comprido azul-escuro, adornado com estrelas douradas, um véu preto e uma coroa de ouro. Os seus sapatos também eram azuis e tinha as mãos estendidas como na imagem da Medalha Milagrosa, mas sem os raios. Também Françoise Richer, de 11 anos, e Jeanne-Marie Lebosse, de 9 anos, viram Nossa Senhora e descreveram-na do mesmo modo que os meninos. Eugène Friteau, de 6 anos, também viu Nossa Senhora e Augustin Boitin, outro menino de 2 anos, levantou a mão e fez um gesto como se quisesse tocar em Nossa Senhora.

Só estas crianças podiam ver Nossa Senhora, enquanto os adultos viam unicamente três estrelas que formavam um triângulo na zona em que os meninos diziam que viam a Senhora.

Os meninos começaram a dizer que se estava a formar uma forma oval azul e branca à volta de Nossa Senhora com quatro velas, duas à altura dos ombros e outras duas à altura dos joelhos. Uma pequena cruz vermelha apareceu no seu peito sobre o seu coração. A Senhora ficou triste porque as pessoas não acreditavam nos meninos e começaram a discutir. Então, o Pe. Guerin pediu silêncio e todos se ajoelharam e começaram a rezar o terço e o Magnificat. Pela expressão do seu rosto, viu-se que Nossa Senhora estava atenta às suas orações. Gradualmente transformou-se numa figura mais alta, mais bela e sob os seus pés apareceu uma mensagem em letras douradas que os meninos soletraram em voz alta: **“Rezem, meus filhos”**.

A Irmã Marie Edouard começou a dirigir o canto das ladainhas da Santíssima Virgem e a mensagem escrita aos pés de Nossa Senhora continuou: **“Deus em breve vos concederá o que pedis”**. Quando chegou a notícia de que o exército prussiano estava quase a tomar a cidade de Laval, muito próxima de Pontmain, a mensagem do céu continuou: **“O meu Filho deixa-Se comover”**. Quando os meninos leram esta mensagem em voz alta, o Pe. Guerin pediu a todos que entoassem um hino de louvor. No final do hino, a mensagem desapareceu e Nossa Senhora começou a entristecer-se. Nesse momento, Nossa Senhora segurava um crucifixo vermelho que tinha na parte de cima uma inscrição em letras maiúsculas e vermelhas com fundo branco: **“Jesus Cristo”**. Nossa Senhora olhava para a Cruz e os seus lábios tremiam de emoção.

Às 8h30 da noite as pessoas começaram a entoar a Ave, Maris Stella e o crucifixo desapareceu. Nossa Senhora sorriu novamente e duas pequenas cruces apareceram sobre os seus ombros. Quando baixou as mãos, um véu branco foi cobrindo-a desde os pés até à coroa. Um quarto de hora depois os meninos disseram que tinha terminado a aparição.

A MENSAGEM DE PONTMAIN

Durante o tempo da presença de Nossa Senhora em Pontmain, o general prussiano Von Schmidt quando estava quase a arrasar Laval para depois avançar para Pontmain, recebeu uma ordem do alto comando para não tomar a cidade. Interrompeu-se a invasão da Bretanha e nesse mesmo mês foi assinado o armistício entre a França e a Prússia. A intercessão milagrosa de Nossa Senhora trouxe a paz e os 38 soldados de Pontmain regressaram ilesos.

Naquele céu estrelado, Maria apresentou-se como uma pedagoga silenciosa da oração. A mensagem de Pontmain mostra-nos o efeito da oração, mesmo que seja numa pequena comunidade paroquial. Nossa Senhora veio para ensinar a rezar, recordando o mistério da salvação. Temos de rezar sempre e especialmente nos tempos difíceis.

Com as frases de Maria escritas no céu e lidas pelas crianças, o apelo à oração torna-se premente, quase uma exigência. Nossa Senhora orienta a oração para Deus e para Jesus Cristo.

A VIDA DOS VIDENTES DEPOIS DA APARIÇÃO

Eugène Barbedette, o primeiro a ver e a receber o sorriso da Senhora, manteve sempre uma grande reserva em relação a este acontecimento. Manteve-se fiel à sua linha de conduta de uma profunda humildade e nunca falava da aparição, excepto por dever de obediência. Foi ordenado sacerdote e morreu em 1927, aos 68 anos.

Joseph Barbedette entrou no seminário menor pouco depois das aparições. Chamado à vida religiosa, fez o noviciado com os Padres Oblatos de Maria Imaculada, que eram os responsáveis pelas peregrinações a Pontmain. Depois de várias missões, regressou à sua aldeia para escrever, por ordem do seu superior, o relato das aparições. Morreu em Pontmain aos 69 anos, e pediu para ser enterrado ao lado da campa da sua mãe.

Françoise Richer manteve-se como uma alma profundamente cristã que cumpria com simplicidade as suas tarefas diárias para agradar a Deus e a Nossa Senhora. Depois de uns anos dedicada ao ensino, em 1900 tornou-se empregada do sacerdote Eugène Barbedette, o primeiro vidente, acompanhando-o nas suas várias missões. Morreu em 1915 aos 55 anos.

Jeanne-Marie Lebossé ingressou na vida religiosa na congregação da Sagrada família. Esteve muitos anos adstrita a um asilo de Bordéus, distinguindo-se pela sua humildade natural, a sua caridade discreta e abnegada, e o encanto do seu sorriso e do seu olhar. Morreu em 1933, aos 71 anos, depois de estar 10 anos de cama com uma paralisia total.

Os outros dois meninos, Eugène Friteau e Augustin Boitin, não foram considerados videntes devido à sua tenra idade no momento das aparições.

A APROVAÇÃO DA APARIÇÃO POR PARTE DA IGREJA

- A 14 de Abril, antes de passarem três meses após as aparições, o Bispo de Laval, diocese a que pertencia Pontmain, pediu que se iniciasse uma investigação canónica, a cargo de três sacerdotes, sobre o que tinha ocorrido a 17 de Janeiro.
- A 29 de Junho de 1871, cinco meses depois das aparições, registou-se o primeiro milagre. Diante da imagem de Nossa Senhora, construída no lugar das aparições e inaugurada 13 dias antes, Émile Gratien, com poliomielite desde o nascimento, recuperou a mobilidade.
- A 2 de Fevereiro de 1872, festa da Purificação da Virgem Maria, o Bispo de Laval declarou oficialmente a veracidade da aparição da Imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus, a 17 de Janeiro de 1871, às crianças em Pontmain.
- Em 1934 durante o pontificado de Pio XII, foram concedidos Ofício Divino e Missa próprios em honra de Nossa Senhora da Esperança de Pontmain, incluindo-os no calendário litúrgico de 17 de Janeiro.
- Desde 1871, Pontmain nunca deixou de receber peregrinos. Pelo seu ambiente de recolhimento, juntamente com a beleza e qualidade da sua liturgia, a Basílica de Pontmain foi sempre chamada “Escola de oração”, na qual a Virgem Maria nunca abandonou a sua missão educativa da oração.

Adaptado de “As Aparições da Virgem Maria – Doutrina e História”, José Manuel Díez Quintanilla



Alguns vieram directamente do cativeiro como prisioneiros de guerra. Outros foram separados das suas famílias durante a fuga. Alguns viram as próprias mães morrer à beira da estrada.

Todos eles salvaram a chama da sua vocação apesar das chuvas de bombas, o desterro e a escuridão e estavam agora retidos na cidade de Königstein im Taunus, na Alemanha Ocidental: dezenas de jovens que queriam prosseguir o seu caminho para o sacerdócio, que tinha sido brutalmente interrompido pela guerra. Eram precisamente eles que deveriam formar uma “taskforce” para o Reino de Deus. Porque eram para ser padres ao serviço da diáspora e das regiões da Europa de Leste que tinham caído sob o domínio comunista. O seminário para expatriados, inaugurado em Novembro de 1946 num antigo quartel, foi um dos primeiros projectos-chave da AIS.

Em meados da década de 50, a ajuda para a formação de sacerdotes foi ainda mais reforçada. Foram então apoiados financeiramente sobretudo os seminários para europeus que vinham do Leste para vários países ocidentais. Em 1959 já havia 19 seminários, nos quais mais de 2.000 seminaristas se preparavam para o futuro ministério sacerdotal na Europa de Leste. **Ao mesmo tempo, foi apoiada também a formação clandestina de sacerdotes da Igreja perseguida nos países da Cortina de Ferro. A nossa organização já tinha então fundado um novo departamento sob o nome de “Melhor Futuro”, destinado a fortalecer a Igreja na Europa de Leste na perspectiva do dia em que o comunismo caísse. Porque para a “Ajuda aos Sacerdotes do Leste”, como a Ajuda à Igreja que Sofre se designava na altura, a queda dos regimes ateus era apenas uma questão de tempo. Então, os sacerdotes seriam usados como pastores para as almas que tinham sido privadas de Deus por muitos anos.** Quando o comunismo entrou em colapso no Leste, em 1989, a Igreja pôde sair das catacumbas. Incontáveis jovens queriam agora tornar-se padres. Com a ajuda da AIS, foram reconstruídos numerosos seminários que tinham sido fechados e destruídos.

Um dos nossos maiores projectos foi a construção do novo seminário em Lviv, Ucrânia, que era muito desejado pelo Papa João Paulo II. O seminário foi inaugurado em Agosto de 2005. O Cardeal D. Lubomyr Husar, líder da Igreja Greco-Católica Ucrainiana na época, descreveu-o como “um presente de Deus para a Igreja dos Mártires”. Depois de décadas de perseguição religiosa, a procissão de 226 seminaristas que percorreu a cidade foi um momento de triunfo. Mas também na Polónia, República Checa, Eslováquia, Roménia, Rússia, Hungria e todos os outros países do antigo Bloco de Leste, graças à ajuda de numerosos benfeitores, centenas de jovens puderam finalmente responder ao chamamento de Deus livremente, alto e em bom som: “Eis-me aqui, envia-me” (Is 6, 8).

